



O instrumento principal de uma educação

Apontamentos do encontro de padre Julián Carrón com os Responsáveis pelos Cantos de CL Milão, 24 de março de 2011

Pippo Molino. *Estamos aqui para trabalhar sobre os cantos. Viemos de toda a Itália, da Sicília a Nápoles e Trento, por um desejo de nos identificarmos com nossa experiência, porque o canto é parte integrante dela.*

Neste período, no Movimento, estou fazendo a experiência da contemporaneidade de Cristo. Todas as provocações deste período, a apresentação de O Senso Religioso, em janeiro, a Assembleia dos Responsáveis que lemos em Passos de março, são um grande testemunho disso e se tornam um grande ganho para mim, quando tento, eu também, julgar e olhar as razões da diversidade da experiência que faço. Através do canto, dou-me conta de uma coisa muito simples: todos temos dons, começando pela voz, bonita ou feia, e todas as coisas que nos foram dadas. Em particular, nós, que nos ocupamos dos cantos temos muitos dons, pequenos ou grandes, cultivados ou abandonados. Qual é a questão? Que dentro da contemporaneidade de Cristo, estes são dons fantásticos. Entendemos que são dons gratuitos. As pessoas que nos ouvem cantar dizem: “Quem são estes?”. Quando, no entanto, prevalece em mim o “mas”, o “porém”, o meu critério, não a busca das razões, mas as objeções, eu percebo que o canto se torna desafinado, de qualquer modo algo menor. Gostaria de saber o seu juízo sobre isso.

Julián Carrón. Eu é que espero que vocês me digam o que significa a contemporaneidade de Cristo no canto. Sou eu que faço essa pergunta a vocês. Porque essa é a verificação da fé, é a verificação se vocês estão vivendo a contemporaneidade de Cristo, se para vocês Cristo é contemporâneo. Vocês são os primeiros a surpreender isso em ato, na maneira com que cada um de vocês vê despertar o próprio eu, percebendo nisso um ganho para si. O mesmo deve acontecer no canto.

O canto é o ponto em podemos notar isso mais facilmente. Porque logo se vê quando o canto é intenso, quando o eu vibra, quando o eu de vocês coincide com aquilo que vocês dizem, com aquilo que cantam e quando, ao contrário, não coincide. “Este canta!”, costumamos dizer, muitas vezes, ouvindo certos cantos serem executados, ou ouvindo uma comunidade cantando. A nós, é pedida uma atenção para surpreender isso, para perceber o ganho que traz, perceber como nos convém.

Então, a pessoa descobre que seu eu não é mortificado. O próprio eu é exaltado, não mortificado. Toda questão está sempre no relacionamento entre o eu e a comunidade. Às vezes, parece que pertencer à comunidade seja uma mortificação do eu, mas exatamente o canto, assim como Dom Giussani sempre nos disse, é o sinal mais evidente para nós, de que isso é falso. Tanto é verdade que, quando entramos na igreja e vemos que alguém, para ressaltar sua expressividade, faz tudo sozinho, não toleramos. Esta, sim, é uma mortificação do eu e de todos. Digam-me se não é assim.

Vocês me ouviram dizer isso em diversas ocasiões, mas este é o exemplo mais evidente. Quando você ouve alguém cantar bem, nunca lhe vem em mente que precisou mortificar algo de si. Pelo contrário: quando você experimenta uma mortificação é porque ouve alguém que expressa a si mesmo. Digo a vocês que precisamos nos comparar com o critério que temos dentro de nós, com aquilo que nos corresponde mais, não de maneira formal ou porque devemos fazer o coro de determinado modo ao invés de outro, mas porque é na própria experiência que podemos verificar a conveniência humana disso, encontrar a confirmação disso.

Se não, será sempre algo formal, um colocar-se de acordo formalmente. Mas, não se trata de concordarmos, porque vemos que se uma coisa não nos corresponde, mesmo que tenhamos a mesma opinião, isso não nos basta. A correspondência não é um estar de acordo. A correspondência é algo que acontece. Todos sabemos quando acontece e quando não. E se a pessoa não olha com atenção, não se dá conta de que acontecem duas coisas que, normalmente, não entendemos como possam estar juntas porque parece que ou se afirma uma mortificando a outra, ou se afirma a outra mortificando a primeira. Mas nós fizemos experiência exatamente do contrário: aceitando um Outro, nosso eu é exaltado. Chama-se “encontro”. Aceitar um Outro não foi uma mortificação, mas uma exaltação do nosso eu como nunca havia acontecido. E o vértice disso, é o encontro cristão: nós não o sentimos como uma mortificação da nossa liberdade, mas como a exaltação da nossa liberdade, da nossa satisfação, da nossa plenitude. Todas as nossas tentativas e todas as nossas performances não conseguiram nos dar um instante dessa plenitude. É como se isso nos obrigasse a um trabalho: o que quer dizer a exaltação do eu e a mortificação de si?

Esse trabalho tem sua origem na experiência, porque se não podemos ver na experiência, como faremos para nos ajudar a entender? É preciso olhar o método que Deus usou, que é o encontro, do qual é possível fazer a experiência. Se não usamos este método, ficamos teóricos: continuaremos insistindo em discutir se aceitar um Outro é a mortificação de mim ou o inverso. Porém, quando acontece, é tão evidente que ficamos sem palavras, como João e André: era ele, mas era mais ele. Aceitar Cristo, o tornava mais ele mesmo. Se continuamos a dizer que essa aceitação é uma mortificação, significa que falamos o contrário da experiência que fazemos. É falso, simplesmente falso.

O que isso tem a ver com o canto? A resposta, cada um de vocês deve dar, em relação ao canto, ao relacionamento do casal, ao relacionamento afetivo, ao trabalho, ao coral, em relação a tudo. Dom Giussani diz que o canto está em função da comunidade. Nosso pertencer à comunidade é para uma exaltação do eu ou para sua mortificação? E, se é uma mortificação, o que estamos fazendo aqui? O que está em discussão, não é o coral, embora o coro seja um particular decisivo porque é o ponto mais claro em

que emerge a concepção que temos. Se a pessoa não percebe que dar-se ao todo é a coisa mais exaltante para o eu, sempre tenderá a pensar que está se mortificando. Não conseguirá vibrar, e ficará irritado porque o chefe, o regente do coro, o responsável pela comunidade (procurem vocês o culpado) impede a sua criatividade.

Parece-me que, para vocês, o canto é uma ajuda a entrar naquilo que estamos nos dizendo. O canto, para vocês, é como a porta de entrada mais fácil na natureza do carisma, na natureza do acontecimento cristão, porque diz mais respeito a vocês, porque faz com que vocês sintam mais na carne o que quer dizer pertencer.

Em relação a todo o resto, depois, todos podem ajudar, mas no fim – cada um pode dizer – ou a pessoa segue ou não cresce. Digo-o em uma palavra, a qual muitas vezes nós usamos com um sentido contrário do que Giussani nos ensinou: autoridade. Nós sempre concebemos a autoridade como a entende o mundo, isto é, como algo que nos impede de nos exprimirmos plenamente, como um limite à nossa expressividade. A autoridade, porém, é o fator que nos faz crescer, é o que faz com que nos expressemos mais. Se o canto não está dentro do acontecimento da autoridade, não se cresce e isso pode ser visto na experiência que fazemos, assim como se vê quando vivemos em uma comunidade, em uma fraternidade ou em uma casa. Façam todos os exemplos que quiserem: vê-se que há algo que faz crescer ou não. E não são apenas palavras. É possível tocar com as mãos, sentir, sobretudo no canto: mas, na vida é a mesma coisa.

A primeira coisa que Dom Giussani disse na conversa de 1987 com o coral – que Pipo Molino me passou – é que o coro está em função da comunidade, “instrumento principal da educação de uma comunidade”. Cada um pode ter outros interesses e, então, faça outra coisa, mas se está no coro de CL, é para isso. Todas as outras coisas são legítimas, mas se a pessoa quer estar aqui, deve ter isso claro. Cada um deve entender que o fato de Dom Giussani colocar todos nós diante deste juízo implica um trabalho a ser feito para não ficarmos repetindo isso formalmente, e para entendê-lo dentro da própria experiência. Como digo sempre, com os mesmos ingredientes é possível fazer dois pratos diferentes. Posso repetir formalmente todas essas coisas e, depois, vivê-las como mortificação, ou posso torná-las minhas aceitando essa sugestão de Dom Giussani, essa caridade que nos faz, para que possamos fazer uma experiência que não tínhamos nem sonhado. E isso, é vocês que devem decidir.

Colocação. *Sou regente de coro e dou aulas de regência. Poucas coisas, além da família e do Pai Eterno, exprimem a minha humanidade como o canto. E acho que a vida de um coral é exatamente isso, porque em um coral a sua pessoa é exaltada na medida em que você segue um outro. Quanto mais você segue, melhor você canta e mais se enriquece, porque aquilo que resulta da soma do trabalho de cada um*

é uma coisa mais bonita e maior. Nesse sentido, o coral sempre foi extremamente educativo, mesmo nas escolas, sempre, porque nos leva a seguir e nos faz entender que seguindo chegamos a um objetivo maior do que jamais poderíamos alcançar sozinhos, ou sequer imaginar.

A pergunta que queria fazer, na qual penso já há algum tempo e à qual você já respondeu em parte na introdução, nasce de uma preocupação, porque eu noto que há uma dificuldade em cantar. As pessoas cantam pouco. Muitas coisas podem ser ditas a respeito, mas provavelmente a coisa mais útil é nos perguntarmos o que podemos fazer em relação a isso, que é um problema objetivo. Um exemplo: há pessoas que, na missa do Movimento, cantam, mas quando vão a outra missa, mesmo com músicas bem conhecidas, não abrem a boca. Não concebem o canto como forma expressiva, como modo de rezar, como algo que fala de si e, portanto, de um pertencer. Isso vale para o caminho da nossa companhia, mas também há milênios, graças aos céus, para a história da igreja, porque a música sacra cresceu assim. Como eu disse, meu trabalho é ensinar, trabalhar com a educação vocal de jovens, com a prática coral, porém eu tenho uma dificuldade: como fazer para ajudar nossas comunidades voltarem a cantar com gosto, com satisfação, reencontrando a consciência de que isso é bonito, que fala de nós, que é uma expressão artística?

Julián Carrón. A meu ver, é muito simples. É como dizer: o que podemos fazer pelos outros para que possam se entusiasmar com a experiência cristã? Chama-se “testemunho”. Não há outro método. Não podemos apenas criticar: quando as pessoas estão nas montanhas, e há um coro nosso que canta os cantos de montanha, não é preciso insistir, as pessoas logo começam a cantar, não?

Tudo bem, vocês não podem fazer tudo: essa é uma coisa que cabe a todos nós, a mim em primeiro lugar. Precisamos insistir, como Giussani insistiu, para que se dê ao canto o tempo e o espaço que merece. Aqui, vocês também podem dar algumas sugestões. Por exemplo, podemos ensaiar os cantos em certos momentos, aproveitando alguns encontros, ou insistir, como falamos uma vez com Pippo, para que certas músicas se tornem realmente patrimônio coletivo de todos, e todos possam aprendê-los.

A questão fundamental, porém, é que nós demos nossa contribuição para atrair, para envolver as pessoas na beleza. Todos constatamos o silêncio total, a atenção e atração que acontece quando ouvimos uma música bonita. As pessoas podem até ter dificuldade em cantar, mas quando se canta bem todos ficam de boca aberta.

Isso faz parte de uma educação. É aqui que devemos chegar: o canto é uma expressão de uma educação. O cristianismo é capaz de despertar o eu até o ponto de envolvê-lo no canto ou não? Ou é um comparecer sem estar presente? Esse é um outro exemplo: no canto podemos estar sem estar. Podemos simplesmente estar

ali para ajudar, sermos passivos, ou podemos estar de fato. Mas isso que você disse acontece em tudo, inclusive no trabalho cotidiano. Qualquer um pode se omitir em relação a tudo, ou estar presente. Uma das coisas em que isso pode ser logo visto é o canto: é possível ver que não estamos envolvidos, porque não cantamos. Em outras situações, pode ser que a pessoa esteja sentada e presente, sem que se perceba que está distraída. No canto, não: se alguém não canta, não se ouve! É evidente, desse ponto de vista. É também um bom teste daquilo que acontece entre nós.

Isso não diz respeito apenas ao coral, mas diz respeito também à comunidade, diz respeito aos responsáveis e a todos nós, que somos a comunidade. Quando acontece, onde acontece, é preciso que vocês comuniquem aos responsáveis, de modo tal que isso envolva todos, não apenas vocês, como se se tratasse de afirmar um capricho. Cantar não é um capricho de vocês, mas faz parte da expressão de uma comunidade.

Colocação. *Estou aqui por causa daquilo que você disse no início, porque me interessa este “a mais”, este estar presente, e é exatamente o ponto de partida que me fez estar aqui. Muitas vezes, tenho dificuldade em relação a algumas indicações que recebemos, mesmo técnicas, porque parece ter como critério o fato de que foi Dom Giussani quem sugeriu. Isso não me satisfaz, porque não o sinto como ponto de chegada, mas como possibilidade de início de um trabalho, porque estou aqui por causa de você e de Pippo e posso segui-los porque vocês estão presentes. Parece que, em um certo sentido, é como se fosse necessário fazer todo o trabalho também sobre aquilo que Dom Giussani nos disse, senão, daqui a trinta anos ainda estaremos aqui dizendo coisas das quais não temos as razões profundas. Sinto que não me satisfaz aquilo que não tem razões totalizantes e estou aqui para tê-las, porque quero estar presente plenamente. Sinto que corro o risco de seguir por causa daquilo que é dito e, da mesma maneira pergunto as razões, ponto por ponto, do porquê damos certas indicações, por exemplo, por que privilegiar um tempo mais que outro, e assim por diante. Não sei se consegui me explicar.*

Julián Carrón. Absolutamente claro. Esse é um problema fundamental, eu o entendo bem. Faço um exemplo da Bíblia, que é mais fácil para mim. É como se, às vezes, ao invés de partir do acontecimento presente, a pessoa agisse como um arqueólogo: na tentativa de identificar-se com tudo aquilo que aconteceu, ela pode tentar ver quais são as etapas fundamentais pelas quais uma música tornou-se assim ou um texto da Bíblia assumiu uma certa forma. E, então, tenta refazer o caminho inverso para encontrar o ponto de origem. No final, porém, fica sem nada. A exegese histórico-crítica deixa você sem nada nas mãos.

Para entender se essa posição é justa, precisaríamos reler o segundo capítulo de Por que a Igreja?, “Primeira premissa: como alcançar, hoje, a certeza sobre o fato de

Cristo”, onde é dito qual é a postura para responder à pergunta: “Como é possível, hoje, chegar a uma avaliação sobre Cristo objetiva e adequada à importância da adesão que Ele pretende?”. Giussani elenca três posturas: racionalista, protestante e ortodoxa-católica. Nossa postura parte sempre de um presente, do presente assim como chegou a nós: neste caso, a tradição dos cantos. O fato de Dom Giussani ter privilegiado certos cantos e certas modalidades de execução é o que nos permitiu chegar até aqui. Então, isso, para nós, é o cânon ou buscamos outro cânon que alguém, segundo um uso de certa forma legítima da razão, quer ou pensa que é mais adequado? Se não partimos do fato de que o cânon que recebemos é este, a um certo momento chegaremos num ponto em que cada um terá o próprio cânon. Mas o cânon que recebemos é o dos livros sagrados. Permanecendo dentro deste cânon, que propõe uma certa modalidade de fazer os cantos, devemos tentar entender porque Dom Giussani fazia assim. Mas dentro deste cânon! É um princípio original com o qual é preciso identificar-se, não se trata de uma análise, porque só a razão salva no encontro com Cristo, isto é, pelo encontro com um presente, que pode permitir isso, depois, no presente, na contemporaneidade de Cristo, como dizia a posição orotodoxo-católica, fazer também a pesquisa histórica.

Se, ao contrário, a pessoa não parte daí, o que acontece? Como disse há alguns dias Javier Prades comentando o Evangelho da Transfiguração: se a pessoa não vive a experiência que nós vivemos, na qual se vê como a realidade se transfigura pela presença de Cristo, ela poderia ler este texto como uma fábula, argumentando mil razões do tipo literário. E, no fim, o que ficaria? Nada.

Não é um paralelismo fora de lugar. O mesmo acontece com os cantos. Nós os recebemos, chegamos aqui porque aconteceu algo e nós só podemos entender se, fazendo uma experiência no presente, pudermos voltar àquilo que recebemos para entendê-lo dentro da experiência presente. Senão, como dizia na Escola de Comunidade, aquilo que recebemos passa a ser um patrimônio em que cada um buscará o que mais lhe interessa ou é mais adequado aos seus gostos. E o que permanecerá? Nada. Ficaremos sozinhos com nossas tentativas, embora justas.

Este é um argumento que é necessário aprofundar. Essa pergunta que você fez é uma pergunta que, como vocês veem, emerge em todo lugar. Se partimos do critério de Santo Agostinho: “Nas nossas mãos os códigos, nos nossos olhos os fatos”, nos aproximamos daquilo que Dom Giussani nos disse a partir da experiência presente, e daí procuramos entender. Essa parte cabe a nós, não é uma repetição. Um repetição não se torna nossa. O texto do cartaz de Páscoa poderá ajudar vocês nisso: aquilo que se sabe, aquilo que se tem, se não reacontece no presente nunca se tornará nosso. E não conseguimos isso com uma análise, ou insistindo sobre um ponto mais que outro, mas fazendo uma experiência no presente que nos permita identificarmo-nos com aquilo que Dom Giussani nos disse e que nos permita entender. Sem poder

vê-lo no presente, nós não entendemos o Evangelho: fazemos apenas uma análise literária. Não que não seja útil fazê-la, mas só o é dentro de uma experiência presente. É uma questão de vida ou morte porque, como diz o texto de Dom Giussani que encontramos por graça, “aquilo que se sabe ou se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora” (do *Cartaz de Páscoa* 2011).

Vocês precisam entender o alcance daquilo que está em jogo nessa pergunta, senão, a resolvemos mecanicamente ou nos colocando de acordo. Se nos colocarmos de acordo em vez de nos identificarmos com um princípio nascente que nós não podemos nos dar, que podemos apenas receber, já estamos acabados. É como se reduzíssemos o cristianismo a um patrimônio e nos colocássemos de acordo sobre isso. Depois, porém – como diz o Papa –, ficamos “abandonados a nós mesmos”. O Cartaz deste ano é para vocês, além de ser para mim.

Isso me parece decisivo. É uma indicação, mais que uma explicação, é a sugestão de uma impostação, de um modo de se colocar diante desse problema, depois é preciso fazer todo o percurso. Não é algo definidor, é uma indicação, o convite a uma identificação, porque estamos envolvidos nisso. É toda a experiência cristã, no fundo, que emerge a propósito do canto. Por que Giussani fez assim, por que nos deu certas coisas? Não entenderemos apenas repetindo, assim como não entendemos a Escola de Comunidade apenas repetindo as frases. Ontem eu falava de um fato que aconteceu recentemente, sobre uma pessoa que – estou absolutamente convencido – repetiu muitas vezes na sua vida que a razão é a categoria da possibilidade. Essa pessoa, em uma assembleia da semana passada, dizia: somente nos dois últimos anos vi que realmente é possível a realização de mim mesmo”. O que isso quer dizer? Primeiro, repetia a fórmula que a razão é a categoria da possibilidade, mas continuava a ser racionalista: continuava a viver em contradição à definição que usava. Porque repetir a definição não nos salva do racionalismo. Repetir Dom Giussani não nos salva da redução de Dom Giussani. Repetir certas frases do Evangelho não nos salva de reduzi-lo.

Mas, por que é assim? Para que aquilo que se tem ou aquilo que se sabe se torne experiência é preciso que seja presente agora, e isso – como vocês veem – é um caminho muito mais complicado, mas também muito mais fascinante, para esclarecer um problema que de outra forma não tem resposta, exceto aquela de sempre, que permanece quando não há mistério: estar de acordo. Mas concordar já é o reconhecimento de uma derrota. Nós não estamos aqui para isso, mas porque ficamos fascinados por alguém. É diferente de estar de acordo. Porque podemos nos encontrar aqui, estarmos de acordo e não estar fascinados por ninguém. Iguais e tristes. Há um trabalho a ser feito.